

Os desafios da memória da comicidade: Francisco Veloso e sua trajetória em São João del-Rei

Heleniara Amorim Moura (PROMEL/UFSJ)

GT História das artes do espetáculo

Palavras-chave: Biografia; Comicidade; Francisco Veloso; São João del-Rei

Conseguir precisar as dificuldades deste trabalho sobre a trajetória do ator cômico Francisco Veloso, que atuou durante aproximadamente 50 anos no *Clube Teatral Artur Azevedo* na cidade de São João del-Rei, durante a primeira metade do século XX, tem sido tarefa difícil, mas talvez por esse empecilho, instigante. Um arquivo em especial, o livro *Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del-Rei – 1717-1967* de Antônio Guerra possibilitou o encontro com esse amador que aparece em uma sugestiva imagem fotográfica à página 191, numa cena já cômica pelo próprio figurino (um legítimo capiau, de botas, guarda-chuva pendurado no braço) na qual o ator encarnava um de seus mais festejados personagens: o Major Policarpo Pimenta da *aparatosa revista local “S. JOÃO DEL-REI, Musicada, falada e Sincronizada”*, representada pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1934. Abaixo da foto, uma legenda apontava a importância de sua atuação no cenário teatral da cidade:

O maior amador cômico São-joanense na sua admirável interpretação do papel de “Major Jacinto Policarpo Pimenta”, abastado fazendeiro do Arraial do Azeite, que **foi delirantemente aplaudido nas inúmeras representações** da revista local *S. João del-Rei*, de autoria do Dr. José Viegas. (GUERRA, 1968, p. 191)

As primeiras palavras do pequeno texto já trazem um peso ao nome do ator objeto desta pesquisa congratulando-o como o “maior”, de “admirável interpretação”. Após a apreciação do restante desse primeiro arquivo, pôde-se verificar a constância da sua atuação em peças e personagens de natureza, eminentemente, cômica, além da percepção de que em todas as representações de Veloso, os registros apontavam marcas de sua hilaridade de maneira acentuada, quase sempre glorificando a sua qualidade técnica e, às vezes, “intuitiva” de fazer humor.

O ator é citado pela primeira vez no livro de Antônio Guerra em 1909, na representação de uma comédia de um ato intitulada *O Abelhudo*, já chamando a atenção de sua atuação em conjunto com o ator Astolfo Andrade na qual *os cômicos trouxeram a platéia em constantes gargalhadas* (GUERRA, 1968, p. 116). Em várias representações, Veloso era freqüentemente acompanhado por um parceiro. No ano de 1917, por exemplo, acompanhado de Juca Lopes na montagem da revista portuguesa *Tim Tim por Tim tim*, ambos são destacados por seus *esplêndidos trabalhos* (GUERRA, 1968 p. 145), resultado de um bom casamento na exploração dos artifícios da comicidade.

A maneira como Guerra rememora a figura de Francisco Veloso, por exemplo, denuncia a visão encantada do autor pela atuação do cômico, freqüentemente, sendo suas anotações acompanhadas de adjetivos como: *Veloso, cujo papel era o pivô da peça, soube com geral aplauso dar uma original interpretação ao papel de Fortunato* (GUERRA, 1968, p. 132); *Francisco Veloso, o festejado cômico do*

Clube, teve ocasião de arrancar constantes gargalhadas da platéia, dando extraordinário relevo ao papel de Libório (GUERRA, 1968, p. 137-138); *Veloso foi impagável, no duplo papel de Celestino e Floridor.* (GUERRA, 1968, p. 144); entre tantos outros comentários que demarcavam de maneira acentuada a atuação quase sempre brilhante do ator.

Em São João del-Rei, um dos jornais do “Clube Artur Azevedo” relatou que em 12 de maio de 1916 durante a apresentação *da opereta de costumes militares A MULHER SOLDADO*, um leve *desacordo entre a orquestra e o coro* causou certa inquietude e apreensão entre os atores que iniciavam a cena: Alberto Gomes e Francisco Veloso. Segundo as palavras do periódico:

o primeiro, sem perder a calma um só momento, sem por um só instante abemolar a voz no desalento, reanimou a coragem dos mais tímidos, enquanto que Velloso conseguindo arrancar as primeiras gargalhadas francas da platéia, modificava, favoravelmente, para os amadores, o ambiente de frieza que parecia tê-la avassalado (GUERRA., s.d., v.1, s.p.)

E assim, ao dominar o jogo cênico através da improvisação, Francisco Veloso aproximava-se do perfil de grandes atores como Procópio Ferreira e Vasques que, ao se destacarem em suas atuações, delineavam as características do “grande ator” nesses teatros populares. Suas características aproximam-se das considerações de Neyde Veneziano sobre o:

ator estrela, intérprete de si mesmo que abandona a personagem, por momentos, e se dirige à platéia, com comentários irônicos, piscadinhas, gestos decodificáveis, numa clara interpretação distanciada na qual é nítido o gesto de *mostrar*, como pregaria Brecht (VENEZIANO, 1994, p. 143).

Além disso, a maioria dos documentos traz a impressão clara da admiração de Antônio Guerra pelo trabalho de Francisco Veloso. Em outro texto, o necrológio escrito por Gentil Palhares, um dos poucos que nos falam do ator sem a autoria de Guerra, a informação das atuações brilhantes do cômico são-joanense também serão ressaltadas, mas, o mesmo jornalista, anos depois, ao citar os maiores expoentes do teatro de São João del-Rei, esquece o nome de Francisco Veloso que embora se legitimasse na composição de sua arte, paradoxalmente, deslegitimava sua história ao escolher, de maneira excepcional, o riso como ferramenta para seu trabalho artístico. O ator escolheu logo o riso, a comicidade. Lembremos que a arte do riso está ligada diretamente ao caráter performático e, portanto, efêmero. Como bem nos coloca Ângela Reis, que realizou a biografia da atriz Cinira Polônio, o maior desafio do pesquisador que se debruça sobre a trajetória de atores encontra-se no fato de que, na maioria das vezes, nunca pudemos ver em cena esses artistas. Em nosso caso específico, essa preocupação ainda se acentua mais, já que não apenas estamos lidando com um ator que atuou entre os séculos XIX e XX, como também, com um tipo de representação cuja ênfase encontra-se diretamente ligada à performance teatral e ao gesto, componentes fundamentais para a arte da comicidade.

Dessa forma, embora Francisco Veloso tivesse apresentado uma trajetória de sucesso nos palcos são-joanenses, outros atores como Samuel Santiago, Juca Lopes e Marcondes Neves terão registros mais frequentes nos noticiários da cidade, cujo exemplo do livro *Efemérides de São João del-Rei* de Sebastião de Oliveira Cintra, espécie de registro de todos que passaram, nasceram, viveram ou morreram nessa pequena

cidade mineira e que se encontra disponível como um dos poucos arquivos publicados sobre documentos históricos, fatos e momentos marcantes da cidade. Sua presença aparece como uma ilha desconhecida para o desbravador dos mares da história da cultura são-joanense, pois, além do esquecimento de sua arte nos pequenos registros históricos (sua completa ausência nas já citadas *Efemérides*), a “não-lembrança” de sua figura perdura ainda no fato dos remanescentes do teatro são-joanense, em entrevistas, não se recordarem de Francisco Veloso. Tais fatos permitem-nos visualizar parte do problema da história que parece apagar a memória da comicidade.

Recentemente, ao termos a possibilidade de pesquisar nos arquivos pessoais de Guerra, seus volumosos álbuns – uma vasta documentação sobre a cultura são-joanense, programas e cartazes, fotos de pessoas e teatros, entre outras informações artísticas – mostram-se como fonte indispensável para nossa pesquisa, principalmente, pelo fato de que muitas das informações contidas nesses textos, trazem dados sobre outros arquivos que, possivelmente também poderão servir de base para esta pesquisa. A figura de Francisco Veloso constrói-se, então, através de diversificadas faces, mostrando-nos novas atuações, fatos curiosos sobre a vida do ator, dados que ao serem contrapostos a informações de outros arquivos, muitas vezes, vão sendo delineados de maneira diferenciada.

Exemplos dessas informações são evidentes quando nos registros de seu necrológio, aparecem citadas cidades por onde o cômico passou e teve sua atuação comentada, ou ainda seu emprego como funcionário da EFOM (Estação Ferroviária Oeste de Minas), que abre também outros arquivos e outras possibilidades. O resultado é uma busca do passado estabelecida pelas demandas do presente, e os arquivos ganham significações cada vez mais plurais, não apenas em sua natureza interna de construção, mas também nos caminhos extra-textuais que elas indicam. O mergulhar em arquivos até então desconhecidos torna possível a leitura de fatos que nunca foram escritos: *Leer lo que nunca fue escrito*, como nos diz Hofmansthal no texto *Derechos de memoria* de Hugo Achugar. Dessa forma, embora este trabalho ainda se encontre em andamento, já vislumbra a possibilidade de trazer à tona a história do amador cômico Francisco Veloso, resgatando sua figura e discutindo a representatividade de sua arte dentro do contexto cultural de sua época.

Referências Bibliográficas

- ACHUGAR, Hugo. **Derechos de memoria**. Actas, actos, voces, héroes y fechas: nación e independencia en América Latina. Uruguay: Universidad de La República, 2003.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João del-Rei**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982. 2v.
- GUERRA, Antônio. **Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del-Rei – 1717 a 1967**. São João del-Rei: s.n., 1968.
- GUERRA, Antônio. **Álbuns**. 13 v., s.d.
- REIS, Ângela de Castro. **Cinira Polônio, a divette carioca**: estudo da imagem pública e do trabalho de uma atriz no teatro brasileiro da virada do século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- VENEZIANO, Neyde. O teatro de revista. In: BRANDÃO, Tânia (Org.) **O teatro através da história**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage Produções Artísticas, v. 2, 1994.

Anexo 1

